

Selfie, uma experiência revolucionária dos ancestrais

Actas de Diseño (2022, julio),
Vol. 40, pp. 82-86. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: junio 2018
Fecha de aceptación: enero 2020
Versión final: julio 2022

Gemicrê do Nascimento Silva (*)

Resumo: Nossa investigação tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o Real e o Imaginário a partir das ideias, dos signos e dos símbolos encontrados nos Desenhos Rupestres, que são atribuídos a essa realidade percebida e transmitida por gerações como sustenta Jung (2008), verdadeiro museu, que na longa evolução histórica da nossa mente construiu através das referências impregnadas no nosso consciente por meio da elocução e gestos pelas tradições culturais, desenvolvidos biologicamente por nossos ancestrais, esses preciosos legados cuja psiquê esteve próxima dos animais e seus arquétipos como “imagens primordiais”. Originadas das repetições progressivas e experiências durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente e percebido pelos sentidos. As primeiras **Selfies**, contavam apenas com o que dispunham; Pigmentos Naturais. Começaram essa revolução do imaginário e das linguagens. Palavra da adição **self** – eu, a própria pessoa e sufixo **ie** – inho, incorporadas pelo Oxford English Dictionary em 2013, usadas nas fotografias digitais, que a pessoa faz de si mesma, autorretrato – **Selfie**. Assim, iniciaram as linguagens visuais como um modo de comunicar suas ideias e sentimentos através desses signos. A **Self**, encarregada de transferir para as existências futuras, os recursos preservadores dessas experiências a exemplo das modernas **Selfie**.

Palavras chave: Self - antepassados - linguagem visual.

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 86]

Nosso Prelúdio até o Contemporâneo

Como uma fotografia que uma pessoa tira de si mesma – **Self**, contando apenas com o que dispunham e auxiliados dos pigmentos naturais, nossos antepassados na primeira história, principiaram essa revolução nas linguagens da atualidade, encarregando-se de transferir suas experiências, às marcas das suas existências, perpassando para porvindouras gerações conhecimentos vivenciados, indubitavelmente, modelando uma revolução e, estabelecendo nos meios visuais uma sistemática maneira de comunicar ideias, sentimentos, através desses signos – produtos da consciência, das suas ações convencionais, gestuais etc. de um pensamento deliberado, processado mentalmente como fenômenos das linguagens. Certamente, como no passado, a primeira forma da noção sobre si própria, um legado bastante frequente atualmente às vezes mesmo sem ter a capacidade da consciência de si mesmo.

Claro, vivemos a época presente uma busca de novos caminhos que possam conduzir à compreensão e à superação da realidade por meio das variadas tecnologias. A imaginação tornou-se um dos principais caminhos possível que nos permite não apenas atingir simular o real, como também vislumbrar as possibilidades que possam vir a tornar-se realidade.

Suportes das nossas ponderações

Como aportes para nossa proposta recorremos a autores como Carl Jung (2008), responsável por propor a psicologia analítica, explorando a importância da psique individual e sua busca pela totalidade. Jung ainda popularizou termos comuns da psicologia, como “arquétipo”, o significado de “ego” e a existência de um “inconsciente coletivo” e “self”.

A colaboração de François Laplantine (2003), com a proposta de constituir um saber científico que toma o homem como objeto de conhecimento, e não mais a natureza, o espírito científico pensado em aplicar ao próprio homem os métodos até então utilizados na área física ou biológica.

Maria Lucia Santaella Braga (1993) reporta as tecnologias da comunicação e os mundos digitais alterando profundamente a dinâmica da vida em sociedade.

Nosso desígnio é trazer ponderações que acreditamos que desde as comunidades primárias, inauguraram uma revolução nos meios das linguagens visuais, ao desenvolver formas de comunicar suas ideias e sentimentos, através dos signos.

Silvio Zamboni (2006) corrobora a ideia de Santaella e salienta que o real e o imaginário existem a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos a essa realidade percebida e transmitida a gerações.

A evolução das linguagens visuais, segundo Gemicrê Nascimento (2012), consiste na capacidade criativa que esses povos empreenderam em utilizar os recursos naturais que tinham em mãos, a exemplo dos resíduos biológicos, restos de animais, resinas naturais, para a produção das suas tintas e assim constroem seus álbuns.

Entender os procedimentos que transcenderam a Self

Acreditamos que os desenhos realizados nos suportes rochosos pelos antepassados foi o artifício para transmissão das suas mensagens.

Visando nortear os procedimentos para entender essa revolução das linguagens visuais recorremos a Zamboni (2006) que afirma a necessidade de entender a arte não como conhecimento por si só, mas também como um importante veículo para outros tipos de conhecimento, já que extraímos dela uma compreensão da experiência humana e dos seus valores.

Compreender os procedimentos dos primórdios, suas intenções, como resolviam suas necessidades na perpetuação das suas experiências, crenças e tradições isso nos permite elaborar uma melhor interpretação crítica do contexto das suas representações, o seu espaço ocupacional, onde estavam estabelecidos, as estratégias de sobrevivência mais viáveis e os materiais disponíveis na natureza. Então, esboçamos nossa proposta a partir dos conhecimentos teóricos que vão nos permitir relacionar as figuras rupestres como uma Self que materializaram a sua realidade social do mesmo modo que atualmente consolidamos os costumes do nosso cotidiano.

Não restam dúvidas que no passado a técnica de registro utilizada foi por uso dos pigmentos naturais, gravetos, penas, dedos, mãos, dentre outras possibilidades para materializar o desenho num suporte, nesse caso, as paredes rochosas e assim, a informação estava processada. Enquanto que atualmente utilizamos os hardwares das câmaras fotográficas, os computadores e outras mídias visuais para armazenar as imagens. Apesar dessas dimensões tecnológicas distintas nos métodos empregados, mas, o efeito alcançado é praticamente o mesmo.

Por isso, entendemos que o despertar histórico das selfs, do imaginário e das linguagens foi uma revolução vivenciada pelos antepassados nas cavernas ao desenvolverem tecnologias que transpuseram gerações por milênios até chegar às sociedades atuais. Consideramos que seus registros são as fotografias que tiravam de si próprios e seu ambiente, o self mais antigo na história humana.

O Pensamento Mágico

É presumível imaginar que os artistas primários, tentavam apresentar suas aventuras diárias, suas expressões faciais e gestos, certamente, com exagero nas emoções e divertindo-se. Nesse contexto, Eisner (2005) descreve sobre essas possibilidades da seguinte maneira: “Os primeiros contadores de histórias, provavelmente,

usaram imagens apoiadas por gestos e sons vocais que, mais tarde, evoluíram até se transformar na linguagem” (EISNER, 2005, p.12).

Nós produzimos imagens, porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva, dessa forma, são ideias edificações e baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores.

Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim, a representação que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo, como afirmam Laplantine e Trindade (2003, p.3).

Vale lembrar que por meio das observações em torno da natureza, as figuras rupestres não só representavam esse ambiente, mas em dado momento, o artista buscou representar seus semelhantes e a si mesmo abrindo espaços para as primeiras comunicações rupestres por meio das selfs.

Os grifos nas rochas eternizaram o seu álbum de «fotografias» e com ele a memória dos locais onde se abrigavam quando estavam de passagem e das experiências vivenciadas pelo caminho. Podemos imaginar que nesse momento aprimorou-se a comunicação, resultante dos grafismos associados aos gestos e sons articulados.

Dessa forma, podemos imaginar que imprimiram os primeiros labirintos do conhecimento, transferindo-se de uma para outra geração até o desenvolvimento definitivo das palavras e posteriormente sua elaboração gráfica, o código de linguagens como conhecemos hoje, um dos nossos grandes êxitos gramatical e fonético. Por meio da linguística, ciência envolvida com a comunicação, podemos também utilizá-la para o entendimento imagético.

O mesmo ocorre com a semiótica, o entendimento da comunicação dos grifos encontra nessa abordagem contribuições teóricas e metodológicas. A semiótica é definida por Joly (1994), como a ciência que estuda os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais como se fossem fenômenos produtores de significado. Acreditamos que as imagens são tão importantes para a humanidade quanto às palavras. Manguel (2001, p.21) afirma que as imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Talvez possam ser entendidas apenas como presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e outros sentimentos. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos.

O Domínio do Magnetismo Visual

Denominar é conhecer; conhecer é controlar, afirma Paglia (1992, p.16). Sabemos o quanto as pessoas são atraídas pelas linguagens visuais e sua importância, uma vez que fazemos as coisas acontecerem. Mesmo diante das complexidades e das diferenças individuais, as pessoas estão sempre buscando influência nos grupos sociais para determinar comportamentos.

O controle dos atributos e processos psíquicos nos primeiros humanos desenvolveu-se lentamente através das sucessivas investiduras concupiscentes, transferindo pelas *Memes* – Termo criado em 1976 por Richard Dawkins no seu best-seller *O Gene Egoísta* e é para a memória o análogo do gene na genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro ou entre locais onde a informação é armazenada. Suas conquistas realizadas para a nova etapa, de modo que fossem transformadas em possibilidade de crescimento e de riqueza interior. Esses dados impulsionavam, embora muito lentamente, o cérebro a criar componentes neuronais para as funções pertinentes, que deveriam ser utilizadas no futuro, nas etapas mais nobres do seguimento do nosso intelecto. Aos poucos fomos dominando a natureza, desenvolvendo técnicas de plantio e colheita, domesticando animais e plantas, tudo isso resultado dos esforços e compreensão dos ciclos da natureza, épocas de abundância e outras de escassez. Aprenderam a armazenar para os períodos menos prósperos, equiparam-se de instrumentos que os habilitavam para uma existência mais confortável e amena. Descobriram com o passar do tempo, como usar os metais: cobre, ferro, bronze e tantos outros... E transformaram a estrutura externa do nosso planeta. Evoluíram até as trocas de mercadorias com outros grupos humanos, compatibilizando a produção com a procura, até quando foram transformadas essas permutas em objetos de valor, raros e preciosos, as moedas...

O homem é produto dos momentos históricos vivenciados e trás consigo um conjunto de suas relações sociais. Sintetizando a opinião defendida por Paglia (1992), que uma sociedade é uma construção artificial, uma defesa contra o poder da natureza, por certo, a necessidade de armazenar informações, revela possíveis pessoas sentadas ao redor de uma fogueira num momento de sacralização ou apenas contemplação.

As heranças do contato com um ambiente determinado têm como resultado um ser específico, individual e particular. A natureza biológica não basta para garantir a vida em sociedade. Os humanos adquiriram várias aptidões e aprenderam formas de satisfazer as necessidades. Ele é uno, ou seja, único enquanto indivíduo.

Um ser psicossocial, que passou a existir profundamente ligado à natureza e à cultura que o envolve e que ele transforma. Sendo assim, só uma concepção que procura apreender o ser humano na sua totalidade pode dele se aproximar sem, contudo, jamais o esgotar completamente.

O domínio do fogo abriu espaço para novos tipos de interação social, permitindo que os membros de comunidades pretéritas «contassem histórias» e «conversassem» sobre assuntos não relacionados às necessidades imediatas do grupo. Pode-se imaginar que esse fosse um momento místico abrindo um portal para o imaginário e o lendário. Essa hipótese nos traz uma provocação para as sociedades industrializadas, transformadas pelos apelos midiáticos. Fica aberta a questão de o que aconteceu no passado à luz da fogueira, que hoje se transformou sob a luz artificial? No entanto, pouco sabemos o que aconteceu quando a luz do fogo expandiu a duração do dia, criando tempo

para maiores atividades sociais que não entravam em conflitos com o tempo que dispunham.

Possivelmente, as atividades noturnas afastavam-se das tensões do cotidiano e envolviam músicas, danças, cerimônias religiosas e histórias fascinantes de uma forma importante para a formação da cultura e das relações sociais que posteriormente deram origem às instituições. A transformação humana teve início na fuga e no medo. Os rituais sagrados podem ter sua origem nas cerimônias de agrado à divindade, uma força sobrenatural ou da natureza, a seu favor. Entretanto, as civilizações esconderam de si mesmas a extensão de sua subordinação à natureza. O simples fato de estarmos vivos, existindo, significa, a todo o momento, consciência reagindo em relação ao mundo. Existir e sentir a ação de fatos externos resistindo à nossa vontade, afirmava Santaella (1983).

O Self e o Ego, experiências temporais

E essas existências oportunizam em vários momentos uma necessidade em deixar uma marca, um reflexo, um olhar para si mesmos. Existem muitas hipóteses e acepções direcionadas a “Selfs” para os profissionais da psicologia o “Si mesmo” é constituído por aspectos consciente e inconsciente da personalidade, cognições, pensamentos e sentimentos e, todas essas características, combinam na identidade central das pessoas. Segundo Jung (2009), toda personalidade é formada a partir de um centro que é responsável por seu desenvolvimento, ou seja, o “Self” não é apenas o ponto central, mas abarca a totalidade. Outros sinônimos; a alma, o ego, a personalidade, o individual. Assim, os humanos da primeira história, em seus desenhos nos suportes rochosos, quando impregnaram simbolicamente sua mão, registraram um pouco dos seus traços característicos, suas participações dos seus inconscientes, o mesmo por não dizer, dos conscientes e, dentro dessa consideração, uma vez que, essas práticas de desenhar nas paredes das rochas se assemelham a um instantâneo atual que trás repassando esses fenômenos das nossas consciências e dos inconscientes, o “si mesmo” como totalidade e, tendo os aspectos imaginados por Jung (2009), não representarem opostos, mas sim uma relação de complementaridade, tendo esse reflexo – self, como mediador das experiências e conhecimentos do indivíduo. Ainda conforme suas concepções, todos os traços típicos são formados a partir de um centro que é responsável por seu desenvolvimento. Assim, empiricamente, à medida que desenhavam compunha em seus conteúdos com base nos experimentos das suas vivências. As imagens esquematizadas certamente quando das suas edificações além de serem baseadas nas subsídios obtidos pelas suas experiências visuais anteriores também significavam uma carga dos seus imaginários. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Portanto, o homem e suas alegorias é, efetivamente, uma representação da sua relação com os seus pensamentos inconscientes e, é o grande guia, o amigo e conselheiro do consciente.

Do mesmo modo, que as experiências iniciais, desenvolveram nosso cérebro reptiliano, sendo preparados campos para futuro cérebro mamíferos, mediante as quais essas melhoras aconteciam, evoluíamos para animais portadores das mais amplas complexidades, para se expressarem como os espécimes mais fortes, com aptidões significativas, que culminariam no surgimento do neocórtex e de toda a sua complicada aparelhagem para a manifestação da inteligência, do discernimento, do sentimento, da emoção, especialmente para sua sobrevivência.

O Real e o Imaginário

A existência do real e imaginária faz com que o fato seja algo dado a ser percebido e interpretado. Por outro lado, a realidade, como ambiente social e natural se faz presente em sua concretude independentemente da nossa percepção, diferem a interpretação que atribuímos.

O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos a essa realidade percebida e transmitida a gerações como comenta Jung (2008), um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica e que nossa mente constrói através das referências impregnadas no nosso consciente ao passado por meio da linguagem e tradições culturais, desenvolvidas biologicamente por nossos ancestrais cuja psique esteve próxima dos animais e seus arquétipos como “imagens primordiais” originadas de uma repetição progressiva de experiências durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo percebido pelos sentidos.

Assim, titulamos instinto aos impulsos fisiológicos apreendidos pelos sentidos como salienta Jung (2008). Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas. São a estas manifestações que chamo arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo — mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por «fecundações cruzadas» resultantes da migração (JUNG, 2008, p.83).

A transmissão genética como é sabido, estão relacionadas às transferências de informações dos genes a outras gerações, ou a comunicação do conhecimento genético de pais para filhos graças à capacidade do nosso DNA em duplicar-se, isto é, de fazendo cópias de si em processos de replicação.

Os pensamentos arcaicos vigente nesse estágio do homem ancestral representavam uma rude manifestação do psiquismo, certamente incapazes da decodificação das ideias e do entendimento dos fenômenos que defrontavam no habitat terrestre agressivo e hostil em que viviam. De certo, eles apresentavam-se como uns formidáveis aglomerados de automatismos que se expressavam através dos instintos primários – a reprodução, a alimentação e o repouso – a sua ocasião, uma experiência instintiva, contínua, sempre em harmonia a realidade que o cercava. Assim, sintetizando a opinião de Santaella (1983), evidentemente que integramos ao nosso próprio ser o uso da língua que falamos, e da qual fazemos uso para escrever

– língua nativa, materna ou pátria –, que tendemos a nos desperceber de que não é a única e exclusiva forma de comunicação que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir, ou seja, ver – ouvir – ler e etc., para que possamos transmitir informações uns com os outros.

É tal a distração que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... (SANTAELLA, 1983, p.3).

Enfim, também nos informamos e nos norteamos por meio de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes. Através de artefatos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, o olhar, e mesmo o sentir. Somos a espécime animal mais complexo tanto quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.

Todo esse processo evolutivo se desencadeou através dos sucessivos milênios, desde as formas antropoides até o Homo technologicus, no qual esse pensamento racional ampliou-se numa capacidade formidável e, tornou-se virtual, adquirindo vários recursos para alcançar os parâmetros cósmicos, numa abrangência do seu ser.

Vivendo um dia nas florestas, onde tudo se apresentava agressivo, automaticamente esse hominídeo que trazia da sua origem – o mundo especial- alguns registros em forma de condicionamentos psíquicos, estes dados impulsionavam, embora muito lentamente, o cérebro a criar componentes neuronais para as funções pertinentes, que deveriam ser utilizadas no futuro, nas etapas mais nobres do seguimento intelecto-moral. Por certo, aprendemos que nossas percepções de como gostaríamos de sermos percebidos pelo outro, mesmo ficando no anonimato, essa verdadeira Self –, “eu me assistindo naquele momento”, ou seja, uma ilusão ótica do indivíduo.

Por Fim – O Legado

Dispondo apenas das observações instintivas e procurando vislumbrar um horizonte possível de intervenções no patrimônio “arquitetônico”, condizentes com a sua natureza, nossos ancestrais, buscavam pela repetição dos acontecimentos, experiências e sensações compreender a sua razão para então comportar-se diante de tudo isso. Nutriam-se além da caça e da coleta de raízes e frutos como os demais animais, por onde transitara o seu psiquismo, esse condicionamento herdado das vivências antigas impulsionava-o a dar-se conta das diferentes manifestações da claridade e da sombra, da chuva e da seca, ou mesmo dos invernos rigorosos e da ausência, dos seres que desapareciam ou que deixavam de mover-se como antes faziam, bem como a agressividade dos animais ferozes e de outros seres, seus semelhantes. Provavelmente o seu cérebro, incapaz de entender as

ocorrências, o pensamento vago, não concatenado foi ampliando-se através da fixação dos acontecimentos que o induziam a compreender o tempo através dos comportamentos cíclicos do Sol e da Lua, das intempéries, dos fenômenos sísmicos, da hostilidade do meio ambiente em que se encontrava.

As carências do pensamento lógico e das circunstâncias em que se mobilizavam facultavam-lhe a manifestação muito primária do arquétipo primordial, em forma arcaica, imprimindo no cérebro as impressões repetitivas que desenvolveriam, alongas pena, o Self encarregado de transferir para as existências futuras, graças aos inconscientes coletivo e individual, os recursos preservadores dessas experiências a exemplo das modernas Selfie, um neologismo com origem no termo self-portrait, que significa autorretrato, foto tirada e compartilhada nas mídias modernas de comunicação... A própria pessoa aparece na foto, com um aparelho que possui uma câmera incorporada. Também pode ser realizada com câmeras digitais ou webcam. Uma das principais características de uma selfie é que ela é obtida com a finalidade de ser compartilhadas redes sociais com uma pessoa ou grupo de pessoas.

Referências

- Eisner, W. (2005). *Narrativas Gráficas*. São Paulo: Del Mundo.
- Joly, M. (1994). *Introdução à análise da imagem*. Paris: Éditions Nathan.
- Jung, C. G. (2008). *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2008). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Laplantine F. Trindade L. (2003). *O QUE É IMAGINÁRIO*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos.
- Manguel, A. (2001). *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das letras.
- Nascimento, G. (2012). *Aventuras de Piteco e os Grafismos Primitivos de Iraquara: um Recurso Didático-Pedagógico para Atividades de Educação Ambiental*. Feira de Santana: UEFS Editora.
- Paglia, C. (1992). *Personas Sexuais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santaella, L. (1983). *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos.
- Zamboni, S. (2006). *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados (coleção polêmicas do nosso tempo). <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>>

Abstract: Our research aims to present a discussion about the Real and the Imaginary from the ideas, signs and symbols found in the Rock Drawings, which are attributed to this reality perceived and transmitted by generations as maintained by Jung (2008), a true museum, which in the long historical evolution of our mind has built through the references impregnated in our conscious through the elocution and gestures by the cultural traditions, developed biologically by our ancestors, those precious legacies whose psyche was close to the animals and their archetypes as “primordial images.” Originated from progressive repetitions and experiences for many generations, stored in the unconscious and perceived by the senses. The first Selfies counted only what they had; Natural Pigments. They began this revolution of imagery and languages. Word of addition self - self, self and suffix ie - inho, incorporated by the Oxford English Dictionary in 2013, used in digital photographs, that person makes of self, self - portrait - Selfie. Thus, they initiated the visual languages as a way of communicating their ideas and feelings through these signs. The Self, in charge of transferring to future existences the preserving resources of these experiences, like the modern Selfie.

Keywords: Self - ancestors - visual language.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo presentar una discusión sobre lo real y lo imaginario a partir de las ideas, de los signos y de los símbolos encontrados en las pinturas rupestres, que son atribuidos a esa realidad percibida y transmitida por generaciones como lo sustenta Jung (2008), verdadero museo que en la larga evolución histórica de la mente construyó a través de las referencias impregnadas de conciencia por medio de la aplicación y gestos por las tradiciones culturales, desarrollados biológicamente por nuestros antepasados, esos preciosos legados cuya psique estuvo próxima de los animales y sus arquetipos como imágenes primordiales. Originadas en las repeticiones progresivas y experiencias durante muchas generaciones, almacenadas en el inconsciente y percibido por los sentidos. Las primeras selfies contaban apenas con lo que disponían, pigmentos naturales. Comenzaron esa evolución del imaginario y de los lenguajes. Palabra de adición self (auto), la propia persona y el sufijo ie (yo, yo mismo), incorporadas por el Oxford English Dictionary en 2013, usadas en las fotografías digitales como las fotos que las personas sacan de sí mismas, autorretrato. Así, se iniciaron los lenguajes visuales como un modo de comunicar sus ideas y sentimientos a través de esos signos. Una self, encargada de transferir para las existencias futuras, los recursos preservadores de esas experiencias a ejemplo de las modernas selfies.

Palabras clave: self – antepasados – lenguaje visual

(*) Gemicrê do Nascimento Silva: Professor Me. Disciplina História da Arte – UEFS. gemicre@gmail.com